

Câmara Cascudo, 100 anos

Mouros no mar da memória



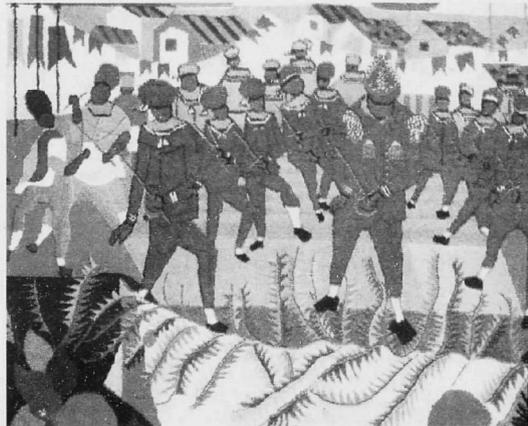
O escritor e folclorista Lúis da Câmara Cascudo

WALDIR FREITAS OLIVEIRA

quiser se entregar!" Seguindo-se, nesta mesma versão, recolhida, em Sergipe, por Sílvio Romero, nova referência aos *turcos*, quando da ordem dada pelos cristãos aos seus adversários: "Entreguem-se, mouros, / à santa religião, / que dentro desta nau, / temos ferros no porão". E também ao lhes responder o rei mouro: "Eu não me entrego, nem pretendo / no meio de tanta gente; / somos filhos da Turquia, / temos fama de valentes (2). Ou na versão da chegada apresentada, em trabalho recente, por Marlyse Meyer: "Lá vem o Rei dos mouros / lá do reinado da Turquia"...

E nela, ainda, quando da invocação feita por D. João da Armada, nome tido, por ela, como lembrança de D. João d'Áustria, o vencedor da batalha naval de Lepanto, onde foram os turcos derrotados pelos cristãos, em 1571: "Oh neto de Sani'Ana, / filho da Virge Maria, / mim permita qu'eu finde / meus dias em Turquia!" (3). Valendo aqui lembrar que a vitória alcançada sobre os turcos, na batalha travada em Lepanto, no litoral da Grécia, teve enorme repercussão em toda a Europa e, de modo especial, na península ibérica, onde a lembrança das guerras travadas, durante séculos, entre mouros e cristãos, continuava viva nos povos que a habitavam. Foi aquela a época de Felipe II, que reinou, a um só tempo, sobre Espanha e Portugal, caracterizando-se como um monarca de poder ilimitado, prenunciador do *absolutismo* que iria tornar-se, um século mais tarde, modo típico de governo dos reis na Europa. E esse monarca empenhou-se na luta contra os turcos que dominavam, norte do continente africano, onde hoje se localizam a Argélia e a Tunísia, havendo se tomado, àquela época, Argel e Túnis, pontos de apoio para os ataques de navios piratas muçulmanos contra embarcações navegando no mar Mediterrâneo. Travando-se a batalha de Lepanto em razão do pedido de ajuda feito a Felipe II, pelo Papa e pelo doge de Veneza, que se sentiam ameaçados frente à expansão do Império otomano; dela havendo

participado, unidas sob um único comando, as esquadras da Espanha e de Veneza, que infligiram aos turcos uma derrota amarga. Imaginando-se, então, que os temas referentes ao mar e a batalhas navais, incorporados aos autos das *chegaças*, somente deverão ter viajado, para usar a expressão de Cascudo, para o Brasil em fins do século XVI ou a partir do século XVII, fixando-se, a partir de então, ao imaginário popular, nem passando a ser a Turquia, um país muito distante, que não se sabia bem onde ficava, habitado por infiéis, inimigos da cristandade, e que, por isso, deveriam ser vencidos e convertidos, pela força, à "santa religião" (4). No que se refere, contudo, simplesmente, a *mouros*, a tradição vem de mais longe. Evidenciando-se, como demonstra Câmara Cascudo, em uma longa série de registros, tanto na expressão popular de ditos, sentenças e provérbios, como em estórias que os envolvem e sempre os colocam em situação de inferioridade frente aos cristãos. Assim, fala-se de quem trabalha muito, até a exaustão, o que faz como um *mouro*: enquanto *mourejar* designa o empenho de alguém em tarefa cansativa e penosa; ou, ainda, a expressão - *há mouros na costa*, sendo comumente usada como sinal de alerta frente a perigo iminente ou à necessidade de se ser cuidadosos nas ações, por haver inimigos por perto. Aurélio, em seu *dicionário*, registra a palavra *mouro* - dando-lhes outros significados além do de habitantes da Mauritânia, a ex-colônia francesa, hoje, país independente, na África ocidental. Também *mouraria*, como designativo do bairro onde moram mouros; lembrando, então, que em várias cidades portuguesas surgem bairros com tal



Marujada, 1979; tapeçaria de Dorian Gray (Natal, RN)

denominação, inclusive em Lisboa; como também em Salvador, nos arredores do largo da Palma, onde existe a igreja de Santo Antônio da Mouraria, construída entre os anos de 1724 e 1726, presumindo-se que naquele ponto hajam se concentrado, em época incerta da história da cidade, mouros ou ciganos vindos de Portugal, desde que, segundo ainda informa Cascudo, "antes da primeira conflagração européia (1914-1918), os ciganos eram considerados *mouros* pelos sertanejos" (5). Registrando, ainda, como sinônimo de mouro, a palavra *mourisco* e *mouro* como sua variante; e *mourama* e *mourisma* como vocábulos designativos da religião dos mouros. Devendo também lembrar-nos que Moura é nome de família, tanto em Portugal como no Brasil. Câmara Cascudo, em seu ensaio, levanta a hipótese de o uso do termo, turbante muito usado por mulheres no Brasil e

peça essencial da indumentária típica de escravas na Bahia, haver resultado de influência moura sobre as negras islamizadas vindas da África para cá. Sem querer envolver-me na discussão desse assunto, que já propiciou polémicas e o surgimento de artigos a tal respeito, deixarei de opinar sobre a ideia por ele lançada, esperando que seja ela ainda tratada. Estabeleceu, ainda, Cascudo, a correlação entre as nossas *mães-d'água* e as *mouras encantadas*, estas presentes, em Portugal, no imaginário popular do Algarve, Minho, Trás-os-Montes e Beiras, regiões, conforme afirma, "de larga e persistente participação demográfica com o Brasil" (6), retomando, então, o tema por ele anteriormente tratado, em 1947, em sua *Geografia dos mitos brasileiros*, onde afirmou haverem sido as *mouras encantadas*, em Portugal, "filhas de reis ou de príncipes mouros, reféns de soberanos

a FIRMA LUIS DA CÂMARA Cascudo, após realçar o fato de haverem sido os mouros, expulsos do Algarve, 250 anos antes da chegada dos portugueses ao Brasil, que viajaram eles para cá, "na memória de colonizador" e aqui permaneceram com tanta intensidade que até hoje sentimos sua presença em nossa cultura popular(1). Valendo frisar que a denominação *mouro* aqui predomina sobre outras talvez mais apropriadas, como *árabe* ou *sarraceno*, persistindo, contudo, ao lado de uma outra que bem pouco, em verdade, tem a ver com a realidade portuguesa - a de *turco*. Esta havendo se fixado na memória popular, no Brasil, através dos textos declamados pelos participantes das *chegaças*, conforme registraram todos os que os pesquisaram - de Sílvio Romero e Melo Moraes Filho a Renato Almeida, de Vale Cabral a Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga, Edison Carneiro e outros mais. Neles aparecem referências freqüentes aos *turcos* e à Turquia, sempre narrando uma viagem marítima cheia de perigos, ao lado de combates travados entre *mouros* e cristãos, seguidos sempre da vitória desses sobre os *turcos* que, derrotados, serão obrigados a converter-se ao Cristianismo. Como vemos, a seguir: "Ohlem que grande pejeia / temos nós que pejeiar, / se for a rei da Turquia, / se não

cristã
típica
escor
domi
"Can
amei
em r
nas f
regat
hom
quib
E, fir
era a
tent
prop
estór
cristã
Torta
coles
Carr
infã
uma
por s
de u
sobr
da c
para
enco
imag